

ASSENTAMENTO PEDRO INÁCIO – INTER-RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E SUSTENTABILIDADE

Keyla Gislane Oliveira Alpes (*), Marcos Moraes Valença

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, gislane.alpes@gmail.com

RESUMO

Este trabalho buscou traçar um perfil qualitativo do estado de conflito socioambiental entre os indivíduos pertencentes ao assentamento Pedro Inácio (MST) localizado na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Partiu-se do princípio de que os sujeitos que compõem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra são heterogêneos em sua formação, ou seja, pessoas de diversas localidades, realidades sociais, práticas, saberes e anseios. Apesar da identidade Sem Terra que passam a incorporar e defender ao ingressarem no movimento, nem todos ao receberem a posse da terra parecem manter os mesmos objetivos e princípios característicos da sua luta. Devido a esta heterogeneidade peculiar do movimento estaremos analisando os conflitos e os consensos, atendo-nos principalmente aos conflitos socioambientais, provavelmente existentes naquela realidade. Tal estudo pode gerar material facilitador e/ou ações para um melhor endereçamento dos conflitos socioambientais enfrentados pela aquela comunidade de modo a propiciar a retomada do desenvolvimento sustentável, sonhado enquanto acampados, por parte daquele importante sujeito ecológico. Para tanto, um olhar pós-colonial faz-se necessário. Neste intuito, foram utilizados os mecanismos da pesquisa-participativa, a partir da hermenêutica-dialética, pesquisa bibliográfica, aplicação de questionários semi-estruturados, observação direta, entrevistas semi-estruturadas e discussões orientadas.

PALAVRAS-CHAVE: relações interpessoais socioambientais; assentamento Pedro Inácio; MST; Pós-colonialismo; sustentabilidade

INTRODUÇÃO

O pensamento cartesiano, uma das características da Modernidade eurocêntrica, traz em seu âmago a busca do homem por "desagregar a natureza" de modo a melhor entender o seu "mecanismo" de funcionamento (objetivação da natureza), a fim de conhecendo-a poder manipulá-la a seu dispor.

Este modo de fazer ciência foi e ainda é útil, porém não pode ser o único, nem o mais correto e nem aplicável para todos os contextos frente a outras possibilidades epistêmicas.

Contemporâneo à atomização do conhecimento científico e à dominação da natureza pelo homem, tem-se os paradigmas neoliberais que seguem socialmente esta mesma lógica desagregadora quando impele os indivíduos ao individualismo, competição exacerbada, a super valorização do ter em detrimento do ser, somem-se a isso a globalização que descaracteriza culturas inteiras e, a tecnologia da informação, rápida, superficial, não confiável, socialmente frustrante e muitas vezes causadora de conflitos humanos com graves consequências, útil apenas para aqueles que aprenderam a pensar antes de usá-la.

O ser humano necessita, para a manutenção da sua essência, da sociabilidade e, traz no seu âmago a necessidade de se relacionar com o outro, não apenas por questão de sobrevivência, mas para se reconhecer através deste outro. A tal ponto que, uma relação interpessoal colaboracionista poderia proporcionar desenvolvimento coletivo em várias dimensões.

Num primeiro momento esta maneira de fazer ciência e os paradigmas neoliberais pareciam hegemônicos, mesmo quando não mais traziam respostas para alguns sérios problemas que passaram a afetar a humanidade, tais como a fome, a escassez de água, a injustiça cognitiva parceira constante da injustiça social, entre outros. Contudo, é mister termos consciência de que o tecido social e a natureza não operam isoladamente, e sim em uníssono, e ao mesmo tempo é composto por outredades heterogêneas.

Leff, em palestra proferida na Amazônia em 2010 define de maneira quase poética que outredade seria um outro que não é um alter ego igual a mim, e ao mesmo tempo é completo na sua singularidade, cultura, princípios e, que eu não consigo conhecê-lo a partir de mim mesmo da minha cultura dos meus próprios princípios, se não à partir de um diálogo de saberes.

Em ensaios de laboratório isolam-se todas as variáveis possíveis para determinados fins e muitas vezes a grande dificuldade é reproduzir como aquele experimento se comportaria no mundo real, mesmo com o uso de programas de computador de última geração. Por outro lado o ser humano e a natureza, do qual ele faz parte, são sistemas com um certo grau de aleatoriedade, interdependentes e complexos. Percebe-se uma dissonância entre o sistema cartesiano e o sistema vivo. A raiz da problemática, numa visão pós-colonial, estaria na razão indolente que preside os paradigmas neoliberais e capitalistas. Pois, a razão indolente, segundo Boaventura de Sousa Santos (2002), toma uma parte pelo todo e generaliza sendo incapaz de perceber as diversas possibilidades existentes.

Percebe-se então que não estamos diante de entraves tecnicistas e sim de uma problemática epistemológica e ética. Diante desta problemática o pesquisador Santos propõe uma razão cosmopolita que através da teoria pós-colonial e das epistemologias do Sul seria capaz de visibilizar e credibilizar os subalternos, explorados, aqueles tratados pela Economia de Mercado como meras externalidades, restituindo a esses sujeitos o direito de fazer parte do debate político e da tomada de decisão.

Da mesma forma, o Pós-Colonialismo, que seria um sistema alternativo ao sistema neoliberal e seria presidido pela razão cosmopolita, concebe em sua filosofia mecanismos para fazer funcionar uma sociedade diferente da sociedade capitalista, através da sociologia das ausências, da sociologia das emergências e do trabalho de tradução.

Segundo o autor, a sociologia das ausências amplia o presente a partir do momento que visibiliza e valida as diversas e heterogêneas experiências sociais, a sociologia das emergências encolheria o futuro, dando mais espaço ao presente, a medida que considerasse apenas o futuro realizável descartando o utópico e o trabalho de tradução tornaria inteligível todas essas experiências sociais.

Da mesma forma os movimentos sociais tem desempenhado papel importante na resistência e contestação frente a esta maneira injusta e discriminatória de ver o mundo, qual seja a da razão indolente, e tem atuado de modo a transformar essa realidade.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra tem se destacado no mundo pelas suas conquistas e longevidade que é mérito dos seus princípios e sua ética. Para além da conquista da terra esse sujeito social emergente age em prol de uma outra sociedade possível, onde as pessoas tenham trabalho, saúde, educação, lazer, moradia e cultura de qualidade. Onde o idoso, a mulher e o adolescente tenham poder de decisão e sejam valorizados. Uma das dificuldades para que essas mudanças aconteçam, não desprezando a seria questão do poder, principalmente no nordeste brasileiro, deve-se ao desmantelamento interno devido aos conflitos socioambientais entre os assentamentos, tanto interculturais como intraculturais, e no caso do MST (ao qual pertence à comunidade pesquisada), por tratar-se de um grupo heterogêneo em sua formação, há de se atentar para as duas formas de relacionamento e seus possíveis conflitos existentes, de modo a propor maneiras de melhor conduzir essas relações fazendo emergir a alteridade, o cuidar do outro e antes de tudo o saber ouvir.

A comunidade do assentamento Pedro Inácio por fazer parte do MST traz como questão principal a reforma agrária, mas uma reforma agrária, não pela simples posse da terra, e sim por uma posse responsável, socioambientalmente sustentável, diferente do que já foi tentado até então, aja vista toda degradação causada ao Meio ambiente e ao trabalhador por práticas que os agridem. Outra questão que caracteriza o movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e que tem impactado a sustentabilidade daquela comunidade é o conflito relacionado a educação formal. Diante disto, a pesquisa focará nas relações interpessoais socioambientais, que por fazerem parte do cotidiano das famílias assentadas deverá ser onde concentram-se os conflitos, e onde o consenso terá maior impacto melhorando a qualidade de vida daquela comunidade e a sustentabilidade ambiental.

A prática dialógica já é buscada pelos movimentos sociais como princípio basilar, neste sentido a inovação nesta pesquisa foi trazer o viés pós-colonial à essa prática, bem como, fazê-la acontecer naquela comunidade. Segundo Valença (2014),

... é possível encontrar uma relação intercultural, norteada pelo diálogo, respeito, troca, parceria, tolerância, admiração, aprendizado e horizontalidade, que produz constelação de saberes, no espaço fronteiro da Universidade e do MST, fazendo emergir a ecologia dos saberes e a justiça cognitiva.

Movidos pela demanda daquela comunidade e confiantes na possibilidade de contribuir com a ciência e a sociedade buscou-se produzir uma pesquisa-participativa levantando dados e gerando subsídios para a elaboração de uma ação participativa futura visando orientar a comunidade Pedro Inácio no sentido de identificar e endereçar as dificuldades

existentes nas relações interpessoais de modo a integrar e fortalecer aquele sujeito social e a sustentabilidade socioambiental.

Para tanto, foram traçados os seguintes passos que ainda estão sendo executados:

- Identificar as convergências e as divergências entre os assentados do Assentamento Pedro Inácio.
- Averiguar como os indivíduos daquela comunidade julgam o seu estado de relacionamento interpessoal
- Analisar a disposição de melhorar as relações interpessoais por parte dos membros daquela comunidade.
- Identificar como a cooperativa tem contribuído com a melhor inter-relação entre os indivíduos assentados de Pedro Inácio.
- Proporcionar a troca de saberes entre educandos, educadores e os sujeitos sociais do MST.
- Orientar a comunidade através de ação-participativa, a respeito da visualização dos ideais comuns e do bom encaminhamento das divergências.
- Contribuir para a descolonização da ciência moderna ocidental no processo epistemológico entre os sujeitos sociais do MST, educandos e educadores.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de caso para identificar os conflitos e consensos existentes na comunidade do assentamento Pedro Inácio que possam estar dificultando a identificação dos ideais comuns e do equacionamento das divergências, propondo a partir daí uma ação participativa, a luz do pós-colonialismo visando orientar a comunidade para um diálogo mais profícuo e integrador.

Foi aplicado para tal fim uma estratégia de estudo de caráter qualitativo e investigativo de modo a propiciar a interpretação científica da realidade e do objetivo em estudo.

No dizer de Bogdan & Biklen (1994), a pesquisa qualitativa estabelece uma relação direta entre os sujeitos sociais e o pesquisador. Os dados coletados serão em grande parte de caráter descritivo, deixando porém a possibilidade de o informante trazer informações não previstas pelo pesquisador.

Ainda sobre o assunto, Ludke & André (1986) descrevem que os materiais obtidos durante a pesquisa qualitativa são informações valiosas podendo apresentar-se sob a forma de relatos dos sujeitos sociais, acontecimentos, depoimentos, fotografias e entrevistas e todas podem subsidiar partes ou trechos da Pesquisa.

Para a entrevista semi-estruturada foi elaborado um roteiro de perguntas semelhantes a um questionário, porém com questões mais abertas que propiciem uma base comum a todos os entrevistados.

Para realização deste trabalho foram seguidas as seguintes etapas:

- Revisão bibliográfica;
- Levantamento de dados secundários;
- Visitas técnicas para levantamento de dados primários advindas dos questionários semi-estruturados, entrevistas semi-estruturadas, fotografias etc;
- Elaboração e execução de uma ação-participativa a ser realizada posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tem-se percebido que do discurso arraigado do subordinante que alguns indivíduos do assentamento Pedro Inácio apresentam vem configurando-se numa situação de conflito intracultural em uma situação onde a união do novo sujeito social Sem Terra deveria prevalecer, com base em Santos (2006), isto seria resultado da ação invisibilizadora que esses sujeitos na “posição” de opressor estariam infligindo contra a coletividade gerando a situação conflituosa. Esta dinâmica ocorre de cinco modos: através da ação de se considerar a ciência moderna e a alta cultura como única verdade válida; considerar o modelo europeu como modelo a ser buscado alcançar como sendo o ápice do desenvolvimento humano; considerar que o que é diferente do modelo europeizado é inferior; e a falácia do produtivismo capitalista que enuncia que natureza e homens devem perseguir a produtividade máxima, ou considerarem-se desqualificados, desprezando totalmente a capacidade de suporte dos sistemas naturais e naturais-humano. É através destas falácias que gera-se a desconsideração pelo outro, a falta do cuidado por si mesmo, com a coletividade e com o Meio Ambiente e, surgem os conflitos. A alternativa epistemológica pós-colonial possibilitaria ao sujeitos conflituosos perceberem-se a si mesmo, e perceberem o seu contexto, voltando a agir de forma coerente e transformadora. Neste sentido como meio

condutor desta mudança paradigmática ou tomada de consciência a escola local e a cooperativa teriam papel primordial para que fossem encaminhadas as situações socioambientais conflituosas dentro desta percepção sugerida por Santos, que logicamente se faria em parceria com a ciência acadêmica, mas não numa relação de poder e sim de consciência mútua da incompletude dos saberes e da retomada da ética do humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que a gestão das inter-relações socioambientais, sob um embasamento pós-colonial é fator decisivo para a melhoria da qualidade de vida dos grupos sociais tradicionais, em particular aqueles com uma heterogeneidade de sujeitos, caso do MST (mas com modos de pensar o mundo, alternativo), e que vem de uma história de invisibilidade, onde a inteligibilidade inter e intracultural e a sociologia das ausências e emergências pode atuar como importante mecanismo de coesão social para a retomada do desenvolvimento nos assentamentos rurais estagnados pelo esmorecimento causados pelo enfraquecimento que conflitos internos produzem, situação vivida por parte dos integrantes do assentamento Pedro Inácio. Para tanto, a escola municipal por estar localizada dentro do assentamento e ter uma professora assentada (com geografia, cultura singulares) poderia ser objeto e sujeito deste processo mediador de conflitos, tornando inteligível o diálogo entre sujeitos com diferentes saberes que entram em contato, sem que se produzam sobreposição ou assimilação de um dos saberes pelo outro, em geral gerando-se um novo saber, visto que todo conhecimento é incompleto. Na zona limítrofe entre saberes dicotômicos é onde probabilisticamente ocorrerão os conflitos, porém trata-se também de “local” privilegiado para a ocorrência de transformações sociais e ambientais, dos povos e dos territórios com base na produtividade dos territórios e na biodiversidade cultural que são as maiores riquezas do nosso mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bogdan, R. C., Biklen, S. K. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
2. Ludke, M. e André. M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. (Temas básicos de educação e ensino).** São Paulo: EPU, 1988.
3. Valença, M. M. **Ecologia de saberes e justiça cognitiva - o movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) e a universidade pública brasileira: um caso de tradução?** Tese de doutorado. Universidade de Coimbra, Portugal, 2014.
4. Leff, E. **Saber ambiental. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 343, 2001.
5. Leff, E., **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
6. Leff, E., **TEDxAmazônia – Enrique Leff quer que nos cuidemos,** 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bxCGZhGUEbk>. Acesso: 06 de agosto de 2016.
7. Freire, P. **Pedagogia do oprimido.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
8. Mendonça, F. C. **O sujeito ecológico e o MST. Monografia do curso Gestão Ambiental.** Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – CEFETPE, Recife, 2007.
9. Boff, L.. **Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra.** Rio de Janeiro: Vozes, p. 199, 1999.
10. Santos, B. de S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, p. 237-280, out 2002.
11. Santos, B. de S. **A gramática do tempo. Para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, p. 324, 2006.
12. Alpes, K. G. O; Valença, M. M. **Agricultura familiar de base ecológica como ferramenta para segurança socio-alimentar e a emergência de saberes.** Resumos da VI Semana de Ciências Sociais na UFRPE, 2015, Recife: EDUFPRPE, 2015. p. 80.